



PEDRO NUNES

Ordem dos Médicos

“As pessoas vão às urgências porque às vezes é a única maneira de terem acesso a cuidados médicos.”



ANTÓNIO MARQUES

Reforma das urgências

“Na reforma das urgências, o que correu menos bem foi a falta de informação e o mau ‘timing’ das decisões”.



ADALBERTO C. FERNANDES

Hospital de Santa Maria

“Discordo da valorização desequilibrada que é dada aos resultados económicos na avaliação dos gestores”.



LUÍS RIBEIRO

ULS Norte Alentejano

“É urgente o reforço dos médicos de família. Temos de apostar na proximidade e nos cuidados ao domicílio.”



JOAQUIM PINHEIRO

ULS Matosinhos

“A capacidade disponível dos hospitais públicos tem de ser esgotada antes de se recorrer às convenções.”

Cuba, as listas de espera e a avaliação dos administradores

AO LONGO DE CINCO HORAS, foram muitos os temas recorrentes. As operações às cataratas em Cuba não deixaram ninguém indiferente.

Mário Baptista
mbaptista@economicasgps.com

CATARATAS

Há anos que as listas de espera para consultas e cirurgias na área de oftalmologia se acumulam, mas foi preciso uma câmara municipal começar a enviar os doentes para Cuba para o país se inquietar e o assunto saltar para as páginas dos jornais. Às críticas sucedem-se a apresentação de soluções, como o aumento do número de operações às cataratas feitas no sector público, celebração de acordos com entidades privadas como a Cruz Vermelha ou uma convenção com

Eleitoralismo autárquico ou determinação e empreendedorismo dos municípios. As opiniões dividem-se quando se fala da iniciativa original da câmara municipal de Vila Real de Santo António de enviar centenas dos seus municípios para serem operados às cataratas em Cuba, ao abrigo de um protocolo.

Para o bastonário da Ordem dos Médicos, a situação é vergonhosa, não pela falta de capacidade de resposta do Estado e dos privados, mas pelo facto de “as autarquias pagarem o dobro” do preço praticado no sector privado. Isabel Vaz discorda: “Devíamos todos, públicos e privados, pintar a cara de negro, porque a verdade é que eles vieram de Cuba com o problema resolvido”. Na mesma linha está Pedro Pita Barros. O economista diz que “as soluções de emergência são quase sempre precipitadas e erradas”. O professor da Universidade Nova de Lisboa referia-se ao protocolo assinado entre o Ministério da Saúde e a Cruz Vermelha Portuguesa, ao abrigo do qual esta entidade privada vai fazer quase três mil operações às cataratas.

Sendo apresentado pelos privados como um

Estado recorre a privados para a fertilidade

■ O ministério da Saúde decidiu abrir outra porta aos privados e vai recorrer aos seus serviços para oferecer aos portugueses tratamentos de fertilidade. No VII Fórum Saúde, organizado pelo Diário Económico, Ana Jorge anunciou que as administrações regionais de saúde “vão desenvolver uma rede de referência para o delicado problema da

infertilidade”. Para os tratamentos de procriação medicamente assistida, os doentes vão poder, a médio prazo, recorrer à ajuda do sector privado com o financiamento do ministério da Saúde. Está ainda a ser desenvolvido um sistema informático para a prestação destes cuidados que vai já integrar as empresas do sector privado. **S.L.D.**

exemplo paradigmático da falta de resposta do sector público a determinadas patologias, o presidente da Entidade Reguladora já tinha alertado, numa entrevista ao Diário Económico, que a média de tempo de espera para uma consulta de oftalmologia num hospital público ultrapassava os dois anos.

No debate, houve ainda tempo para o presidente do Hospital de Santa Maria, Adalberto Campos Fernandes, se demarcar da ponderação dada aos resultados económico-financeiros na avaliação dos gestores. Este modelo, actualmente em teste em três hospitais, como o Diário Económico noticiou no princípio desta semana, dá às contas dos hospitais uma ponderação bem menor que à qualidade na prestação dos cuidados de saúde.

Questionado sobre estes valores, o presidente do Santa Maria disparou: “A valorização da qualidade em detrimento do desempenho económico-financeiro é uma má notícia porque dá uma valorização desequilibrada aos resultados”. O perigo, concluiu o gestor, é haver “resultados deficitários”. ■

